

30 de julho de 2022 nº 8

Tatuí, SP

jornal

**BULI**

 CONSERVATÓRIO DE TATUI





## Sumário

- No frescor da hora **4** **Como narrar diante do trauma**  
*Tadeu Renato*
- Fermentação natural **8** **O Bruxo do Cosme Velho: uma  
viagem ao universo poético de  
Machado de Assis**  
*Mayra Guanaes*
- 10** **Narrativas distópicas**  
*Muvuca e outros Cantos*
- 13** **Refúgio nas memórias que não  
caíram em desuso**  
*Coletivo F22*
- 15** **Memória e poesia**  
*Crônica Nº1*
- 16** **O que denuncia o tempo?  
O pássaro negro que o atravessa.**  
*Para Quê? Grupo de Teatro*
- Crônica do dia seguinte **18** **Espelho da alma**  
*Adriana Afonso*
- 21** **Para sempre comigo**  
*Érika Milena de França*



Ainda reverbera

Expediente

**22** O amor ao teatro que nasce da estrutura da coluna e irrompe pelas estruturas sociais

*Ketelyn Truylio*

**24** Eu no FETESP

*Rebeca Fernandes*

**26**



*no frescor da hora*

# COMO NARRAR DIANTE DO TRAUMA?

*Tadeu Renato*

*apreciação do espetáculo Panfleto Maria a partir do  
painel conduzido pelo VQV  
Lígia Helena de Almeida, Hideki Okutani e Thais Póvoa*

*(...) rasgar entre os dentes  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas*

*Conceição Evaristo*

No ensaio *O Narrador* (1936), o filósofo alemão Walter Benjamin conta sobre um intrigante acontecimento: os soldados que voltavam dos *fronts* da Primeira Guerra não conseguiam narrar o que viveram, como se tivessem voltado pobres de experiência comunicável. A linguagem que conheciam até então não era suficiente para contar sobre o que presenciaram. O impacto de uma grande transformação coletiva exigia repensar a linguagem, renomear sentidos, reaprender a estar no mundo de maneira completamente diversa do que conheciam até então. Essa perda súbita de certa configuração de realidade, com tais e tais pessoas ocupando um lugar em nossas relações, objetos e construções se fixando em algum ponto de nossas percepções espaciais, rotinas que demarcam o ritmo de nossos cotidianos, causam em nossa psique o sentimento de LUTO. Um processo que pode durar anos e, quando não elaborado, se agravar em uma série de consequências psíquicas, entre elas, a depressão profunda. É possível que no teatro ainda veremos muitas peças que buscam por essa elaboração coletiva, visto que passamos por uma pandemia (que ainda está em curso) que levou à morte mais de 500 mil pessoas só no Brasil. É importante que se faça arte sobre isso, uma reação estética de embate contra a política do esquecimento tão presente em nosso país, que ao elaborar e falar sobre as perdas, prefere negar: não houve Ditadura Militar, não há nem nunca houve genocídio das populações negras e indígenas, nunca ocorreram golpes comandados por elites econômicas.

## no frescor da hora

O espetáculo *Panfleto Maria*, apresentado no FETESP 2022 pela Turma 72 da Escola de Artes Dramáticas da USP, articula essas questões na criação de seu trabalho. Uma série de narrativas nos convidam a memórias pessoais que são também coletivas, uma vez que são memórias que partem dos corpos presentes em cena: corpos de pessoas negras, indígena, afro-indígenas, corpo amarelo e corpos de pessoas trans. Há a partilha da experiência pessoal que, ao virem de existências que em nossa sociedade estão sempre no limiar de serem apagadas, tornam-se comunitárias. Quando um corpo negro fala da perda de um avô, está falando também dos vínculos com a ancestralidade, com a história deste país; quando se narra sobre uma avó árabe que precisou mudar seu nome ao desembarcar aqui, também se fala da violência concreta e simbólica, se fala de xenofobia. Essa ponte entre a experiência individual e a coletiva se une quando passamos dos solos para a narrativa sobre Maria, que é atacada por um grupo em fúria por ser vinculada, por sua cor e suas relações passadas, a assaltantes de ônibus. Importante que se destaque aqui tratar-se de um conto de Conceição Evaristo, autora negra.

A peça resulta no palco seu procedimento de criação, pois este se deu a partir do momento de isolamento social que se encerrou, oficialmente, no final de 2021. De início, atrizes e atores recebem o público enquanto se filmam nos celulares, transmitindo na projeção seus rostos em janelas. Esse procedimento de estar presencialmente no palco e virtualmente na tela se segue ao longo da apresentação, com o grupo se revezando para filmar cada solo. A projeção também poderia ser lida como a materialidade do efêmero, vozes ecoando atrasadas em relação aos feixes de luz que nos dão a ver os rostos de quem já foi e de quem ainda permanece na vida e que, no próximo corte, tornam-se memória.

Há, porém, ruídos na estrutura do trabalho: constantemente a dramaturgia se pergunta sobre a capacidade da linguagem verbal dar conta do que quer transmitir, necessitando de constante reflexão e uso de novos modos de expressão. Fala-se sobre a presença dos “corpos não previstos” e é certo que os vemos, inclusive potencializados no grande domínio técnico de atrizes e atores. No entanto, a linguagem da

## *no frescor da hora*

encenação parece não se perguntar sobre seus significados: a configuração da cena traz elementos característicos do teatro épico conceitualizado por Brecht, procedimentos que se assemelham a muitos trabalhos, inclusive vistos neste Festival: o uso de microfones e telas, as cadeiras disponibilizadas na lateral da cena, a tela, o operador de som à vista. Até mesmo o piano e as canções que são emitidas entre a fala e o canto, remetem à estética do teatrólogo alemão. O bloco dramático nomeado Panfleto tem uma estrutura engessada, sempre feita de longos solos e canções, forma repetida (ainda que com poucas variações) em todas as onze narrativas, tornando o ritmo ralentado em muitas passagens, além de oferecer pouco espaço para o jogo. Os signos do teatro épico parecem se impor à matéria tratada, como se essa não tivesse gerado seus próprios modos de expressão, causando uma discrepância que se torna gritante ao fim, com o epílogo em memória. Evidente que é emocionante ver as faces dos antepassados e de pessoas queridas que perdemos nesses últimos anos, entretanto esse procedimento pode soar melodramático quando colocado em relação à forma épica incidida ao longo do espetáculo. Linguagem e política estão intimamente ligadas, como a própria dramaturgia aponta, e seria estimulante apresentar os corpos não previstos em formas estéticas também não previstas.

*Esse texto contou com a  
colaboração da estudante Arielle Barbosa*



*fermentação natural*

# O Bruxo do Cosme Velho: uma viagem ao universo poético de Machado de Assis

*Por Mayra Guanaes*

*Cia. Sobrecéus  
ETEC de Artes*

*Apreciação do espetáculo O Bruxo do Cosme Velho*

Na noite de segunda-feira, estive com meu grupo - a Cia. Sobrecéus, da ETEC de Artes - no meio da plateia lotada no FETESP para assistir *O Bruxo do Cosme Velho*, uma experiência em vídeo criada pelo coletivo F22 da Escola Livre de Teatro Santo André. Neste trabalho o público é convidado a fazer uma viagem de trem, cujas estações de parada são cenas de obras de Machado de Assis, como *O Alienista*, *A Cartomante* e *Dom Casmurro*. A obra ainda perpassa pela biografia de Machado. Uma cena que me chamou a atenção em particular foi o momento de sua carreira em que ele fica com a visão comprometida e começa a ter dificuldades para escrever. Neste momento, podemos observar a contribuição da esposa com sua escrita e, posteriormente, o instante em que ela decide romper a relação.

A peça - produzida e gravada em 2021, devido às condições da pandemia - nos mostra não só uma pesquisa aprofundada na obra e biografia de Machado, mas também um compromisso em trazer à cena o fato de que ele era um homem negro. Com essa premissa, a dramaturgia do espetáculo costura a figura do Bruxo com a simbologia da *encruzilhada*, propondo um diálogo entre o universo machadiano, a história do Brasil e a ancestralidade.

Tudo na estética da peça contribui para que embarquemos nesta viagem, desde a luz, bem como o cenário e os figurinos que nos levam a observar as cenas sob seu contexto histórico. Embora a experiência tenha acontecido por meio

## *fermentação natural*

de um vídeo, a dramaturgia nos envolve pelas convenções teatrais: quando os personagens dizem que estão em um trem, nós acreditamos que também estamos ali, mesmo que este trem não apareça explicitamente na cena. Como na literatura, a peça ativa a nossa imaginação.

Assistir *O Bruxo do Cosme Velho* me levou a ampliar o olhar não só sobre a relação entre teatro e vídeo, mas também entre teatro e literatura. Esta é uma obra que traz em imagem visual, cênica, a visibilidade daquilo que a crítica literária muitas vezes apagou: Machado de Assis, um dos autores mais celebrados da literatura brasileira, é um autor negro. Torço para que Exu abra todos os caminhos e que a F22 sinta vontade de desdobrar *O Bruxo do Cosme Velho* em outros formatos de apresentação. Assim, talvez seja possível nos sentarmos em um lugar mais próximo ainda e viajarmos de trem, sem a distância imposta pela tela. Que bonito foi começar a semana assim!

# Narrativas distópicas

*Por Muvuca e outros cantos*  
SP Escola de Teatro

*Apreciação do espetáculo Distopias*

Narrativas distópicas projetam futuros que dialogam com lutas e opressões existentes em casas, escolas e vidas e também com opressões estruturais, econômicas e políticas que afetam toda a sociedade.

Na adolescência, em especial, essas narrativas possibilitam fortes identificações com repressões e questionamentos individuais e coletivos.

O cenário do espetáculo *Distopias* vem como tentativa de expor particularidades, enquanto se abre para um panorama geral. É nítido que a execução do trabalho, do ponto de vista das áreas técnico-criativas como cenografia, iluminação, figurino e sonoplastia, fica limitada ao que é possível dentro do contexto do teatro feito em escola, com pouco ou nenhum recurso e a partir do que se tem disponível em mãos. Foi possível identificar, por exemplo, que a iluminação utilizada durante toda a encenação era estática, o que reduzia a possibilidade de nuances visuais que auxiliassem na construção da narrativa.

Além disso, o pouco aproveitamento do espaço cênico fez com que a movimentação do elenco em cena ficasse reduzida a um mesmo plano, ao invés de explorar um pouco mais a profundidade e suas virtualidades - o que estabelece uma questão: como os diretores podem utilizar de disparadores pra que os próprios atores desenvolvam os elementos da cena dentro do que é possível, mas com maior complexidade?

Em contraponto, a narrativa encontra potencialidade na cena final, em que mulheres se unem ao som de tambores para lutar contra a força opressora masculina. O poder da articulação política feminina também nos abre caminhos para pensar outros futuros.

## *fermentação natural*

Assim, a obra *Distopia* critica justamente as opressões sociais, que se repetem em distintos tempos históricos, e a necessidade da articulação política coletiva para desconstruir essas estruturas de poder. Desse modo, o trabalho, em processo, aponta para um caminho investigativo cênico e de reflexão e autodescoberta.

# PANFLETO

EU NÃO SEI  
TOCAR PIANO



*fermentação natural*

# Refúgio nas memórias que não caíram em desuso

*Por O Bruxo do Cosme Velho*

*Coletivo F22*

*Escola Livre de Teatro de Santo André*

*Apreciação do espetáculo Crônica N°1*

*A tessitura dos fazeres cotidianos insiste na vida, ainda que a morte paire entre as que parecem ter, como inexorável destino, o esquecimento*

Luiz Antonio Simas

*Crônica n°1* Cia. Sobrecéus. Uma peça instalação que se modifica através dos espaços em suas disposições, objetos pendurados em uma arara que contam histórias, documentos em projeções, altar para os que foram e os que ficaram, um palimpsesto onde as rasuras se sobrepõem na tentativa de elaboração das memórias dolorosas em devir alegria.

Fotografias em projeção ao fundo do palco que buli os sentidos dos ciclos da vida, vestígios. Aniversariam linhas do tempo. Aniversário de vida, aniversário de morte. O olhar para o passado que instiga questões como: de onde vim? Para onde vou? Quais são os traumas que modificam e intensificam os momentos de alegrias ou elaboram os sentidos dos lutos?

Se imagetivamente por dentro da cena as cadeiras ocupadas vão esvaziando neste ciclo, os vazios são reelaborados, preenchidos pelas atrizes por outras sensações, memórias. Fora de cena, o quintal. O quintal é compartilhado, três casas, três mulheres, vizinhas, quintal memória da dor, das celebrações, metáforas e historicidades que quaram no varal, gotejam narrativas.

Enquanto *teatro documental*/depoimento o título *Crônica n°1* se faz presente no cotidiano das perdas e revive o instante em que se conta, porém na repetição a transformação surge como acontecimento, no cenário um altar de memórias, por exemplo.

## *fermentação natural*

A fotografia projetada traça o que se vê para o mistério do que não se vê. Na dramaturgia revelada através da *Poética* de Aristóteles, o espaço-tempo também se faz no registro fotográfico, cartografias e as viagens de carro. Assim como a foto que atrofia com o tempo, perdendo texturas, colorações, as memórias precisam ser exercitadas na possibilidade de reviver o passado no agora pelas lentes que captam o grão efêmero.

Dentro da narrativa apresentada, uma potencialidade de imagem que poderia ganhar mais atenção são os objetos cênicos que representam fragmentos de memórias, que convidam os mistérios que permeiam os fios condutores presentes na dramaturgia, por exemplo, o que o próprio objeto tem a dizer? O que uma camisa de time tem a narrar? Relações estabelecidas que chegam antes da cena e que ecoam para além dela, provendo ainda mais a fricção entre a ficção e a realidade.

Quais formas de saudades doem? O que se pode fazer para ajudar em momentos de angústia? Leões traduzidos nas palavras-memórias das atrizes como prenúncio, simbologias e a força humana na luta do luto, luto em luta. O carro de onde se faz a travessia, um abrigo, um refúgio nas memórias que não caem em desuso.

# Memória e poesia

Por Crônica Nº1

Cia. Sobrecéus

Apreciação do espetáculo *Constelação*

*Constelação*, do Pra Quê? Grupo de Teatro, é uma peça desenvolvida com base no livro *Viva Vaia* 1949-1979, do poeta concretista Augusto de Campos. Partindo dos conceitos da Poesia Concreta, a proposta é manifestar relações entre sociedade, memória, política e território por meio de partituras corporais e repetições de palavras em uma linha dramática.

O espetáculo é performado por três corpos em cena, que iniciam a peça através da utilização do desenho de luz gerado por suas lanternas de celulares no ambiente escuro, como um recurso para chamar a atenção do público. A partir disso, os artistas explicam o que é Poesia Concreta: um movimento literário que surgiu no Brasil, na década de 50, tendo como característica o rompimento com as limitações do verso, visando assumir uma responsabilidade total perante a linguagem, quebrando, assim, os elementos que aprisionam a palavra, bem como a utilização do espaço na página do livro.

Após a apreciação do espetáculo torna-se evidente a pesquisa do grupo em relação ao corpo para a composição da obra. A iluminação e as projeções são recursos muito bem utilizados, pois jogam com a palavra e os corpos para compor as cenas. Juntos, resgatam a memória que partem de um contexto sócio-político do Brasil, conectando passado e presente.

Entendemos que a obra possui uma camada expositiva do conceito “constelação”: conjunto de estrelas que se conectam por linhas imaginárias, servindo como metáfora para as palavras, produzindo relações entre si e constituindo significados que não possuiriam individualmente.

Os processos práticos diários e corriqueiros da vida moderna nos levam a esquecer memórias fundamentais para a vivência do momento presente. E com isso percebemos que o processo de esquecimento é uma ferramenta de controle social. Neste sentido, *Constelação* recupera e traz à cena não só a memória sobre o que foi a Poesia Concreta de Augusto de Campos, mas também a memória coletiva sobre a cidade, as ruas e o Brasil.

*fermentação natural*

# O que denuncia o tempo? O pássaro negro que o atravessa.

*Por Constelação*  
Para Quê? Grupo de Teatro

*Apreciação do espetáculo Muvuca e outros cantos*

Atenção, tirem os sapatos: a terra que pisam é sagrada. E nela, um pássaro negro canta. Em 13 de fevereiro de 1922, começava a Semana de Arte Moderna, no Theatro Municipal de São Paulo. Cem anos e 143km depois, no dia 28 de julho de 2022, acontecia, no Teatro Procópio Ferreira em Tatuí, o plano de voo intitulado MUVUCA\* E OUTROS CANTOS.

A voz que anuncia é plural e plumosa. É canto de pássaro cujos olhos saúdam a entrada do público. Olhos devoradores, que convidam: é preciso cantar para não silenciar. Olhos de uma ave negra que voa para frente com a cabeça voltada para trás: Sankofa.

O espetáculo é uma denúncia. A vontade de desbravar os nomes que foram esquecidos há cem anos serve de pista de lançamento para o rasgante de estudantes da SP Escola de Teatro, numa narrativa em espiral – que, tal como uma serpente, se enrola sobre si mesma, evocando uma ideia de tempo cíclico. Com a queda do pássaro Sankofa, acompanhamos sua tentativa de achar sua casa, na companhia dos pássaros Brasis. Na tela, na frente do Theatro Municipal de São Paulo, um pássaro-balaclava pergunta: QUEM FOI QUE DISSE QUE O BRASIL FOI ASSIM? FEITO DE TROCA PACÍFICA? Assim mesmo, em letra maiúscula, gritado a plenos pulmões: cantado como denúncia.

Entre um prólogo presencial e uma gravação de uma apresentação ao vivo feita pelo aplicativo Zoom, descascamos a temporalidade a contrapelo. A ação se desenrola entre sete aparelhos conectados, sete atuentes que transformam suas casas em cenários-ninhos e as praças à sua volta em espaços-de-grito. 16

## *fermentação natural*

No palco, tanto pelas pessoas ali mobilizadas quanto pela projeção que ocupa o espaço, acompanhamos um chamamento à luta feito por uma fábula entrecortada, que coloca o tempo histórico registrado em dúvida.

Sankofa brinca no tempo-espaço à procura das raízes. Transportados nos olhos do tal pássaro, revisitamos o passado para poder aspirar o futuro. Encontramos, no fim, o nosso início: O BRASIL É TERRA INDÍGENA. Assim, em letra maiúscula, estampado em diversas pequenas telas de diversas casas e diversas praças e diversos outros cantos.

Tirem os sapatos: a terra que pisam é sagrada. E nela, um pássaro negro canta para não silenciar. E você, pelo que canta?

### **\*MUVUCA**

mu.vu.ca.

substantivo feminino.

1. aglomeração ruidosa de pessoas, esp. jovens, em áreas públicas, bares etc., como forma de lazer; agito.

2. grande confusão; tumulto.

3. (grifo próprio) aquilombamento da história, em denúncia espiral.

# Espelho da alma

*Adriana Afonso  
mãe preta solo de Carolaine Afonso, atriz*

Espelho

Imagem

Reflexo

Será isso que vi no palco em Panfleto Maria?

Um reflexo de minha imagem exposta para uma plateia lotada com a respiração de choro preso e narizes fungando?

Era o espelho da alma. Ali eu vi Dona Nair e Dona Glória, pessoas que hoje fazem metade de minha vida de artista.

Eu vi ali Dona Maria Floripes minha bisavó que foi comprada ou vendida, não sei bem ao certo, por um pedaço de terra.

Dona Maria Floripes era indígena que não sabia seu nome real. Dona Nair, a fazedora de cura pelas ervas.

E Dona Nair, que carinhosamente nas minha escritas é Donair, a mulher que me disse: “Você é preta de alma preta, porque se alma tem cor a sua tem a cor de sua pele”.

Eu vi minha mãe Glória, a mulher guerreira que disse:

“Você vai ser o que quiser. Ande pela luz para que te vejam, pois os da luz andam na luz”.

“Olha a hora e juízo”.

“Estude, porque a sabedoria não podem tirar de ti”.

## *crônica do dia seguinte*

Dona Glória, a mulher das portas abertas, que levava brinquedos usados das casas onde trabalhava, mas embrulhava como presente de Natal para que nos sentíssemos especiais.

O choro que foi preso pelas minhas mãos em minha boca, que sufocava um grito de “Deixe-me viver!”, “Acreditem eu também sei!”, “Vejam minha história além dos livros!”.

Eu gritei no palco pela boca de outros.

Vi meu mestre Acaiabe, de quem ouvi: “Quem souber que conte outra”.

Estou contando outra há anos. Alguns lêem, outros chamam de modinha, uns de mimimi.

Mãe Glória, Vó Nair, Acaiabe, tô resistindo, viu. Lendo, estudando, repassando.

Ahh, hoje minha filha está fortalecida e nem precisa de terapia porque ela já sabe quem é. Eu ensinei, mas eu sigo na terapia com a Dra. Makini para me encontrar, reencontrar, reviver, reforçar, resistir.

Sempre soube que nunca estive só, atrás de mim tem multidão ...

Muitas Marias, muitos panfletos, muitos obrigada.



*crônica do dia seguinte*

# Para sempre comigo

*Érika Milena de França*

*2º ano Curso Teatro Adulto  
Conservatório de Tatuí*

É incrível chegar em um lugar onde encontramos pessoas que não conhecemos e que estão aqui pelo mesmo propósito: o teatro. Isso cria uma certa familiaridade, um laço, um laço potente que nos une como um só.

Panfleto Maria

Histórias de vidas, vidas vividas com garra, histórias fortes, como toda história de vida.

Saudades, sofrimentos...

Será que as crianças gostam de melão?

É engraçado como nós criamos expectativas em coisas que ainda não vimos. Antes de cada espetáculo, minha imaginação era levada pela foto de divulgação. Às vezes, me deparava com algo totalmente diferente do que havia imaginado, às vezes, um pouco parecido. Em todo caso, minhas expectativas foram superadas a cada dia, com surpresas incríveis de se receber.

Estamos quase no fim do festival (infelizmente) e, apesar do cansaço presente nos dias que se estenderam até aqui, tudo tem sido de muito aprendizado e de grande valia para todos.

Amigos, oficinas, espetáculos, conversas...

Memórias que guardarei para sempre comigo.

# O amor ao teatro que nasce da estrutura da coluna e irrompe pelas estruturas sociais

*Ketelyn Truylío*

*Maria Preta  
Escola Livre de Teatro de Santo André*

Tem uma cena da peça "Vozes de Família", do dramaturgo inglês Harold Pinter, em que a mãe pergunta ao filho se ele acha que a palavra amor faz sentido. Essa fala me comove, principalmente, pela busca de sentido da palavra amor num mundo que reincidentemente nega a ética do amor em todas as suas ações. Diante disso, eu sempre me questiono se a palavra amor faz sentido e que sentidos ela evoca, sobretudo no teatro. Bell Hooks no livro "Tudo sobre o amor" diz que o pensamento corrente entende o amor como sinal de fraqueza e irracionalidade e - frente a isso - ela identifica o amor como sendo mais do que um sentimento, o define como uma ação. Provocada por essa ideia, penso que para além de sentir o amor ao teatro, é preciso que o compreendamos como uma ação. Física, sonora, olfativa, narrativa, perceptiva, cênica, ancestral, poética, política e social - dentre tantas outras que caberiam aqui. Talvez seja muito de uma ação que parte de uma estrutura óssea da coluna, onde nascem as emoções, e irrompe pelas estruturas sociais. Depois de dois anos em que estivemos parados, me parece que ainda é preciso que investiguemos juntos no que o teatro se transformou. O Festival parece uma grande oportunidade para isso, onde corpos atuantes e atuados, em motim, transformam efetivamente o teatro em ações.

## *crônica do dia seguinte*

E é importante o conceito de motim aqui porque ele se caracteriza como uma insurreição de corpos não-hegemônicos contra algum grupo ou autoridade instituída. Me parece que o teatro e as artes da presença são a grande resistência em tempos de reprodutibilidade técnica, conceito elaborado por Walter Benjamin há algumas décadas que dá conta de uma transformação do fazer artístico em que o aqui e agora é deixado de lado em prol da reprodução em escala industrial das obras de arte. O teatro contrapõe tudo isso. E contrapondo isso, contrapõe a lógica do capital. E viver de um ofício que contrapõe a lógica do capital hoje em dia é muita coisa. Só por isso o teatro de hoje já nasce político. Tendo a acreditar que o teatro é todos os dias uma escolha, justamente pelas dificuldades que o sistema nos impõem. Mas, andando pelas ruas de Tatuí, frequentando os teatros, conversas e oficinas, e vendo a vida teatral fervilhar, dá uma energia enorme para seguir acreditando e elaborando no que se transformou, ainda em tempos pandêmicos, a nossa arte e ofício. Essa é uma declaração de amor ao teatro em que os sentidos da palavra amor são evocados por meio de ações, não como uma fraqueza de um amor romântico que nos inebria, mas como uma fortaleza em que assumir as dificuldades da nossa profissão, especialmente num país excludente como o nosso, e entender o "como", fortalece nossa conexão com o ser-atuador-atrizador-atroz. E sabem o que é o melhor? Mesmo diante de tantas elaborações, isso tudo ainda diz muito pouco sobre os teatros possíveis (alô grupo Magiluth, de Recife), e esse é que é o barato. Agora, definitivamente, é hora de ocupar os espaços vazios.

*ainda reverbera*

# Eu no FETESP

*Rebeca Fernandes*

*2º ano Curso Teatro Adulto  
Conservatório de Tatui*

Ainda é cedo para dizer exatamente como o FETESP mexeu comigo, pois a cada dia tem sido uma experiência diferente. Cada espetáculo é único e com um tema único, e isso tem me deixado muito encantada e sempre animada para o próximo. Mas as peças que mais me chamaram a atenção até o momento foram o “Quando quebra queima”, “[uhltimo.epizohdio]” e “Estudo nº1 Morte e Vida”. Por trazer temas importantes e atuais que nos fazem refletir sobre quem somos na sociedade e como artista da cena. Além de outros detalhes.

O espetáculo “Quando quebra queima” me chamou a atenção na questão da montagem cênica. O fato do palco e plateia estarem no mesmo lugar me trouxe outra visão do que é um espetáculo cênico, algo que experimentei pela primeira vez. No “[Uhltimo.epizohdio]”, o que mais me encantou foi: ser algo voltado mais para uma experimentação futurista, todos os efeitos audiovisuais e o trabalho de corpo e voz atuada do ator. Em “Estudo nº1 Morte e Vida”, foi como eles abordaram um tema tão importante, enquanto nos trouxe momentos incríveis de audiovisual, entre outros detalhes.

Também estou amando acompanhar as oficinas, mas a residência “Rachaduras no tempo e no espaço”, com o professor Thiago Leite, reverberou de uma forma gigantesca em mim. Thiago é meu professor de interpretação no Curso Teatro Adulto do Conservatório, e ver de uma outra perspectiva os exercícios que ele propôs para a minha turma durante todo o semestre me fez entender tudo o que ele havia dito antes em sala de aula. Por isso, me fez abrir novas portas e novos experimentos futuros em minha vida.

No mais, o 27º FETESP como um todo tem aberto muito minha mente para novos modos de pensar, agir e me comunicar, não só com outras pessoas, mas comigo mesma. Sou muito grata pela oportunidade de fazer parte de tudo isso.

# PROLOGO

me pre... i sua vida



Foto Kaio Alexandre

## **Expediente**

### **Coordenador editorial**

Antonio Salvador

### **Arte gráfica**

Luiza Lorenzetti

### **Produção editorial**

João Fabbro

### **Revisão de textos**

Thiago Leite

João Fabbro

### **Textos**

Tadeu Renato

Mayra Guanaes

Muvuca e outros Cantos

O Bruxo do Cosme Velho

Crônica N.1

Constelação

Adriana Afonso

Érika Milena de França

Ketelyn Truyllo

Rebeca Fernandes

### **Colaboradores(as)**

Arielle Barbosa [bolsista estagiária em Produção Cênica]

Camila Barbagallo

Camila Alomba

### **Colaborador convidado**

[Organizador da seção Fermentação Natural]

Judson Cabral

### **Fotógrafos**

João Maria

Kaio Alexandre (bolsista estagiário em Produção Cultural)

*\*Esta publicação foi atualizada em 30/07 às 18h49*

**[Leia também a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)**